

humanitas

Vol. XLVII - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO II
MCMXCV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



JOSÉ RIBEIRO FERREIRA
Universidade de Coimbra

OS SÍMILES NO *EURICO O PRESBÍTERO* DE HERCULANO

Como um rochedo pendurado sobre as ribanceiras do mar, que, estalando, rola pelos despenhadeiros e, abrindo um abismo, se atufa nas águas, assim o cavaleiro desconhecido, rompendo por entre os godos, precipitou-se para onde mais cerrado em redor de Teodomiro e Mugeiz fervia o pelejar¹.

Esta comparação sugestiva — que, de imediato, dá a ideia clara dos estragos que a passagem do cavaleiro negro causava nas hostes muçulmanas — impressionou-me desde os adolescentes anos em que pela primeira vez li o *Eurico o presbítero*. Mais tarde, quando me familiarizei com os Poemas Homéricos, a sua recordação trouxe-me a ideia de comparar os símiles da *Ilíada* e da *Odisseia* com o uso desse processo literário no referido romance de Herculano. As circunstâncias — que, qual *Tyche* poderosa, tantas vezes altera os planos laboriosamente arquitectados — impediram uma realização mais temporã do desiderato que, por isso, só agora se concretiza. E é-me grato que aconteça para homenagear a Prof.^a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira que tanto do seu labor dedicou ao estudo dos Poemas Homéricos e a mostrar a permanência da cultura clássica na literatura portuguesa.

¹ As citações são feitas pela edição das obras completas de Alexandre Herculano, dirigida por Vitorino Nemésio: *Eurico o presbítero*, introdução e revisão de Vitorino Nemésio, notas de Maria Helena Lucas, verificação do texto de António C. Lucas (Lisboa, 1972), pp. 103-104 para o passo em causa.

Uma leitura do *Eurico o presbítero* surpreende pelo seu estilo grandioso, de que o tom poético e épico não anda arredio. Aliás poema em prosa sugere se lhe possa chamar o próprio Herculano².

A qualidade do seu estilo é evidente, como realçou António Magina Gomes Ferreira: papel primacial do som, através do uso sistemático de vogais fechadas e de certas consoantes; concretização pelas comparações e metáforas; linguagem eloquente, de modo a realçar na figura de Eurico o símbolo do dever de patriota e religioso; estrutura da frase, com alternância de períodos longos e curtos, ao serviço da amplidão, do método e da severidade; tom explicativo, no qual têm especial importância os atributos, apostos, orações relativas explicativas, e predominância das conjunções *mas* e *porque* como partículas características na ligação frásica³.

Entre os vários processos literários que esmaltam o romance, sobressaem os símiles à maneira homérica que A. Magina Ferreira não distingue das simples comparações⁴.

Para C. M. Bowra, o verdadeiro símile homérico é a comparação extensa, que pode ocupar mais do que um verso e compara uma acção compósita com outra compósita⁵. Constituído por dois elementos — o comparante e o comparado — o símile pode ser iniciado por uma série de partículas, de que as mais correntes são ὥς e ἥύτε (*assim como, tal como*), e depois de novo ligado à narrativa por outras correlativas, de que a mais usual é ὥς (*assim*). Desse modo, o símile interrompe o curso da narrativa para introduzir uma outra acção ou cena mais próxima e familiar do ouvinte ou leitor e fecha depois o processo comparativo, retomando o discurso diegético por meio da partícula correlativa que religa o fio narrativo interrompido.

² Vide nota do próprio Herculano ao *Eurico o presbítero*, p. 279 da edição citada na nota anterior. Aliás, os símiles não são usuais em outras obras do autor, se exceptuarmos a narrativa «Destruição de Áuria», que de certo modo é um antecedente do *Eurico*. Vide Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas II*, revisão de Vitorino Nemésio, verificação do texto e notas de António C. Lucas (Lisboa, 1974), por exemplo, p. 14 (símile do cometa), p. 19 (símile da seara madura).

³ *O estilo de Eurico o Presbítero. Contribuição para o estudo do estilo de Herculano* (Coimbra, Suplem. 4 de Biblos, 1945).

⁴ *O estilo de Eurico*, pp. 19-26.

⁵ *Tradition and design in the Iliad* (Oxford, 1930, repr. Westport, 1977), p. 116. Sobre a distinção entre comparação em geral e símile e para uma bibliografia mais ampla sobre os símiles homéricos vide as notas 7 e 8, respectivamente, do estudo de Sebastião Tavares de Pinho, «A tradição do símile homérico e o seu lugar na epopeia virgiliana», publicado neste volume LXVII de *Humanitas* (pp. 502-503).

Segundo W. A. Camps, os símiles sugerem sentimentos íntimos e estados de espírito; ilustram as qualidades distintivas das coisas, acções ou processos; e transmitem efeitos de multidão e massa⁶. Contribuem, como já acentuavam os escólios, para a magnificência, clareza, vivacidade, variedade e enfeite dos Poemas⁷. Na opinião de Edwards, o símile produz uma pausa na acção, prolonga a tensão e chama a atenção da audiência para um ponto importante⁸. Como expansão de uma cena tipo, o símile junta cor e uma nova dimensão ao que anteriormente é o foco de atenção⁹.

Os símiles homéricos são tirados, de modo geral, dos animais de rapina, fenómenos atmosféricos e elementos da natureza; da vida agrícola, das profissões, com especial relevo para a dos pastores, e das pequenas cenas domésticas.

Na prática, na *Iliada*, os símiles ocorrem com mais frequência durante as descrições de batalhas e quando um herói entra ou deixa o combate, tem um êxito ou um desastre. Por exemplo, os símiles são muito menos comuns no discurso directo e três quartos dos símiles longos ocorrem em cenas de batalha¹⁰. Esta frequência nas descrições de combate visa naturalmente variar a monotonia da descrição contínua da guerra.

Este processo literário, uma das glórias dos Poemas Homéricos, sobretudo da *Iliada*, exerceu profunda influência nas obras posteriores, que os imitaram, em especial as epopeias. A *Eneida* de Virgílio e *Os Lusíadas* de Camões concederam-lhe justificado relevo¹¹.

Também o *Eurico o presbítero* de Alexandre Herculano escolheu o símile como um dos seus processos literários de eleição. As áreas a que vai buscar os temas desses símiles são diversificadas e no essencial apresentam pontos de contacto com o que se passa nos Poemas Homéricos.

A maior cópia é fornecida pelos fenómenos da natureza e atmosféricos: por exemplo, o sol que brilha num dia formoso de Inverno. A descri-

⁶ *An introduction to Homer* (Oxford, 1980), p. 56.

⁷ Vide M. W. Edwards, *The Iliad. A commentary*. Vol. V: Books 17-20 (Cambridge, 1992), p. 39.

⁸ *The Iliad. A commentary*. Vol. V, p. 39.

⁹ Vide W. C. Scott, *The oral nature of the Homeric simile* (Leiden, 1974), pp. 12-55.

¹⁰ Carroll Moulton, «Similes in the *Iliad*», *Hermes* 102 (1974), pp. 382-383

¹¹ Sobre os símiles d' *Os Lusíadas* vide Sebastião Tavares de Pinho, «Comparações e símiles homéricos n' *Os Lusíadas*», *Actas do IV Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas* (Hamburgo, 1995), pp. 2. Para os da *Eneida* vide o estudo do mesmo autor, acima citado (notas 5).

ção de Carteia, para onde o presbítero Eurico se retirara, sublinha a actual decadência da povoação, em oposição aos curtos anos de opulência de outrora (pp. 15-16):

Os curtos anos de esplendor da monarquia visigótica tinham sido para ela como um dia formoso de Inverno, em que os raios do Sol resvalavam pela face da Terra sem a aquecerem, para depois vir a noite, húmida e fria como as que a precederam.

Outro exemplo volta a colher nos raios do sol o ponto de comparação, mas agora os do nascer do dia. Eurico escreve a Teodomiro ser a mulher quem motiva as acções dos guerreiros (p. 77-78), quer do que já foi bafejado pelo amor, quer do que vive perdido nas solidões do mundo, por não ter ainda encontrado o alvo dos seus afectos nem descoberto a mulher que há-de iluminar-lhe a noite do coração,

como o Sol com os seus primeiros raios ilumina as trevas de um templo, para esse a mulher é uma ideia vaga e confusa, mas formosa e querida.

Ou então o sangue derramado na batalha de Covadonga, que vai proporcionar o subsequente ressurgimento triunfante da Cruz e do nome dos Godos, é comparado ao raiar da aurora que tingem o céu de vermelhidão, mas faz surgir depois «o Sol envolto no seu fulgor glorioso»¹².

Outro aspecto da natureza bem representado é o mar: a sua bonança e fúria, o quebrar e bramido das ondas alterosas oferecem a Herculano amplo material que ele sabe aproveitar em circunstâncias várias. Eurico numa das elegias compara o seu meditar com o céu e com o oceano (p. 38):

E o meu meditar era profundo, como o céu, que se arqueia imóvel sobre nossas cabeças; como o oceano, que, firmando-se em pé no seu leito insondável, braceja pelas bafas e enseadas, tentando esboroar e desfazer os continentes.

Mais adiante, no momento do desembarque dos Muçulmanos na baía de Carteia, Eurico envia uma carta a Teodomiro a informá-lo das idas e vindas dos barcos que descarregam árabes (p. 72):

Semelhante aos estos do mar, é rápido o seu ir e voltar.

¹² Vide infra p. 930.

O mar agitado e tempestuoso é no *Eurico* um motivo frequente de comparação. Na alma sofredora e desesperada de Eurico, os hinos que compunha eram como bálsamo (p.25-26):

Os hinos tão suaves, tão cheios de unção, tão íntimos, que os salmistas das catedrais de Espanha repetiam com entusiasmo eram como o respirar tranquilo do sono da madrugada que vem depois de arquejar e gemer de pesadelo nocturno. Rápido e raro passava o sorrir nas faces de Eurico; profundas e indeléveis eram as rugas da sua fronte. No sorriso reverberava o hino pio... Às rugas, porém, da fronte do presbítero, semelhantes às vagas varridas pelo noroeste, respondia um canto lúgubre de cólera ou desalento, que rebramia lá dentro, quando a sua imaginação, caindo, como a águia ferida, das alturas do espaço, se rojava pela morada dos homens.

Ao escutar as palavras de Hermengarda, em que esta rejeitava a sua proposta de casamento e manifestava desprezo e aversão por ele, a frente do emir Abdulaziz carregava-se e enrugava-se «como a face do oceano ao passar do furacão» (p. 187). Precisamente ao mar proceloso vai Herculano colher o impressionante símile das duas vagas que se entrechocam, uma visão de Eurico descrita numa das suas elegias: dois castelos de nuvens negras e cerradas encontram-se por sobre o estreito, um vindo da África e outro da Espanha. Caminham um para o outro e encontram-se em verdadeira batalha, até que o bulcão vindo de África vence e absorve o que se levantara do lado da Europa¹³.

Ora o mar, quer quando calmo, quer agitado pelos ventos e pelo furacão, é frequente motivo de comparação nos Poemas Homéricos e na *Eneida* de Virgílio. O fluxo das ondas — que se formam altaneiras ao largo e quebram nas falésias cuspidando espuma — serve para dar a ideia de ordem do exército aqueu que marcha em filas compactas (*Ilíada* 4. 422-427). Por sua vez, a agitação e vozeria dos exércitos — troiano e argivo — assemelham-se ao mar quando açoitado pelos ventos (*Ilíada* 2. 144-146, 7. 63-66, 9. 4-8, 14. 393-395). O ruído que fazem os guerreiros reunidos em assembleia é comparado ao do bater das ondas do mar alteroso ao longo da praia imensa (*Ilíada* 2. 209-210). O ataque dos Troianos é como vaga alterosa que se abate no convés do navio (*Ilíada* 15. 381-384) ou como ventos e raio que caem sobre o mar e o encapelam de ondas e de cristas brancas de espuma (*Ilíada* 13. 795-801 e 15. 624-629). Por seu

¹³ Vide infra p. 919-920.

lado, os Aqueus defendem-se como uma muralha ou enorme escarpa contra a qual batem os ventos e as vagas do mar (*Iliada* 15. 617-622).

A *Eneida*, por seu lado, para dar só dois exemplos, compara as tropas que avançam em auxílio de Ascânio às vagas do mar que, pouco a pouco, se levanta em ondas cada vez mais altas (7. 528-530); os avanços e recuos dos Troianos e Latinos, durante o combate, ao fluxo das ondas do mar, que ora investem contra os rochedos e tudo submergem, ora se afastam (11. 624-628).

Aliás, à tempestade em geral, e de modo muito particular ao tufão, vai buscar Herculano outros belos símiles. Alguns deles relacionam-se com o episódio do Mosteiro da Virgem Dolorosa, objecto de uma série de exemplos desse processo literário que sublinham a importância e intensidade dramática do momento¹⁴.

A tempestade nocturna que surge repentina e, por onde passa, deixa as suas marcas de destruição serve para sugerir os efeitos devastadores das arremetidas dos homens de Pelágio durante a noite. Acolhidos em Covadonga, daí partiam os guerreiros em rápidas incursões às zonas ocupadas pelos Árabes (p. 154):

.... semelhantes à tempestade nocturna, e, como a tempestade, passavam pelas tendas dos Árabes ou pelas aldeias, despovoadas de cristãos, onde os infieis começavam a fazer assento. Alta noite ouvia-se aí um gemer de moribundos, via-se o brilhar do incêndio. Era o bulcão do deserto que rugia por lá. Ao amanhecer tudo estava tranquilo; porque, bem como a procela, Pelágio era repentino e destruidor, e só escrevia na terra com caracteres sanguinolentos de ruínas e mortes a notícia da sua quase invisível passagem.

Um símile complexo que, com base nos efeitos devastadores da tempestade que, ao romper do dia tudo havia deixado destruído, transmite de forma impressiva os estragos causados pelas surtidas nocturnas dos homens de Pelágio, que partiam das serranias de Covadonga.

Outro tema preferido de Herculano é o do raio que destrói tudo por onde passa, a que se associa o ribombar do trovão, um motivo que, no entanto, não encontra grande repercussão nos Poemas Homéricos. O grito de Tárique, repetido pelos seus homens, é comparado ao ribombar do trovão que se afasta cada vez mais enfraquecido (p. 97). Ao ver que os Godos começam a ceder e fogem, o cavaleiro negro num grande brado chamou por Teodomiro (p. 116), um brado que reboou como o trovão¹⁵.

¹⁴ Vide infra pp. 925 sqq.

¹⁵ Sobre estes dois símiles vide infra pp. 925 e 921.

Os efeitos desoladores do fogo, quer da lava do vulcão, quer do incêndio, são outro motivo usado por Herculano. No coração de Eurico, as consequências do seu amor por Hermengarda são comparadas à devastação da lava vulcânica. Teodomiro bem tentou todos os meios para o apagar, sem nada conseguir. Esse sentimento devorou na mente do gadingo todos os outros (p. 63),

como a lava candente devora tudo o que encontra, quando o vulcão a vomita, alagando a superfície da Terra.

Por seu lado, o reflexo do sol nas armas do exército do rei dos Godos que se dirige ao encontro do de Tárique é comparado a um incêndio que alastra (p. 86):

... viu-se ao longe para a banda das serranias ao norte do Bétis resplandecerem as cumeadas das montanhas, como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais antigos que povoavam as quebradas das serras. Era a hoste do rei dos Godos....

Ora na *Ilíada* 2. 455-458, o brilho do bronze dos guerreiros aqueus em marcha é comparado ao fogo que devora a floresta na montanha e se vê à distância:

ἦύτε πῦρ ἀίδηλον ἐπιφλέγει ἄσπετον ὕλην
οὔρεος ἐν κορυφῆις, ἕκαθεν δέ τε φαίνεται αὐγή,
ὥς τῶν ἐρχομένων ἀπὸ χαλκοῦ θεσπεσίοιο
αἴγλη παμφανόωσα δι' αἰθέρος οὐρανὸν ἴκεν.¹⁶

É o mesmo incêndio que devora as serras o motivo de comparação para o brilho das armas do exército em marcha, devido ao reflexo dos raios do Sol.

Por vezes o motivo eleito é a neve que alveja no cimo das montanhas e se derrete com os raios do Sol, quando se aproxima a Primavera, provocando avalanches devastadoras. Na carta enviada a Teodomiro, a contar-lhe o desembarque de Tárique na baía de Carteia, Eurico relembra

¹⁶ Vv. 455-458:

*Tal como o fogo destruidor abrasa uma imensa floresta
no cimo de um monte e ao longe brilha a claridade,
assim, ao marcharem, do bronze resplandecente
irradia o brilho pelo éter e sobe até aos céus.*

as façanhas dos dois e das suas tiufadias, quando acorreram em ajuda de Fávila na guerra contra os Francos e os rebeldes da Cantábria (p. 62):

Como os maciços de neve que se despenham das montanhas escarpadas da Vascónia, as duas tiufadias de Teodomiro e de Eurico apareciam, às vezes, subitamente, nos visos das serras e, apenas os primeiros raios do Sol faziam reluzir as armas, semelhantes no brilho trémulo ao alvejar da geadá, eilas que pareciam rolar-se pela encosta, e dentro de pouco os acampamentos dos Francos e Cântabros ficavam esmagados debaixo do ímpeto irresistível dessas pinhas de soldados que eram arremessados sobre o inimigo por duas vontades émulas de glória.

Se este símile complexo não encontra muito paralelismo nos Poemas Homéricos, já o mesmo não acontece com o que compara à saraiva as setas lançadas sobre o cavaleiro negro e que é analisado mais adiante¹⁷.

A caça aos animais selvagens, sobretudo o perigo que eles representam, oferece largo campo para as comparações dos símiles do *Eurico*. Entre esses o mais usual é o que tem o leão por tema, a que esporadicamente se associa o tigre. Uma elegia de Eurico evoca, em contraste com a indolência e cobardia de agora, o passado glorioso e corajoso dos Visigodos; o tempo em que os Hunos os atacavam, volteando ao redor dos seus carros (p. 33):

Como o caçador espreita o leão tomado no fojo, os Visigodos os vigiavam, esperando o romper da alvorada.

Em outra elegia, Eurico recorda a recusa de Fávila ao seu casamento com Hermengarda e a cedência desta à vontade do pai (p. 50):

As mãos imbeles de uma donzela e de um velho esmagaram e despedaçaram o coração de um homem, como os caçadores covardes assassinam no fojo o leão indomável e generoso.

Depois do desembarque de Tárique e de Juliano, este aconselha o jovem chefe a fortificar o Calpe, para se defenderem no caso de a sorte das armas lhes ser contrária. Tárique responde desabridamente que ninguém o vencerá (p. 68):

Tárique não o deixou continuar. Como o leão, pulando subitamente dos juncais da Mauritânia, o moço árabe pôs-se de pé, com gesto colérico.

¹⁷ Vide infra p. 924.

A luta encarniçada de Visigodos e Muçulmanos é comparada à do leão e do tigre no circo (p. 99):

Assim, os centros dos dois exércitos semelham o tigre e o leão no circo, abraçados, despedaçando-se, estorcendo-se enovelados, sem que seja possível prever o desfecho da luta, mas tão-somente que, ao adejar a vitória sobre um dos campos, terá descido sobre o outro o silêncio e o repouso do aniquilamento.

Os motivos da caça traiçoeira ao leão e da luta das feras no circo não aparecem em Homero. Mas o mesmo não acontece com o outro que tem também, como termo de comparação, o leão: pode ser aproximado do que compara a alegria de Menelau, ao ver Páris adiantar-se aos restantes troianos, à do leão faminto que se lança sobre o veado ou a cabra selvagem (*Ilíada* 3. 23-27). Já um outro aspecto, relacionado também com o leão — aliás um dos motivos mais frequentes nos Poemas Homéricos, sobretudo na *Ilíada*¹⁸ —, não encontra paralelo em Herculano: o do ataque aos rebanhos e manadas de bois. Assim Diomedes, ferido, é comparado ao leão que, atingido pelo pastor quando já saltava a sebe do redil, em vez de se amedrontar e se pôr em fuga, mais se enraivece e se excita, pelo que ao pegureiro apenas resta a solução de recolher à cabana e abandonar os animais ao seu destino (*Ilíada* 5. 136-143). O mesmo herói, ao atacar os Trácios, é comparado a um leão que, de surpresa, se lança feroz sobre o rebanho, sem guarda nem pastor (*Ilíada* 10. 485-487), ou ao leão que salta sobre a manada e rasga o pescoço de uma vaca ou de uma novilha (*Ilíada* 5. 161-163). Outro compara Heitor ao leão que surge de súbito e de onde não se espera, ataca o rebanho que pasta na planície, aferra uma vaca e põe as outras em debandada (*Ilíada* 15. 630-636); ou ainda o salto de Pátroclo para junto do cadáver de Cébrion ao do leão, quando vai a entrar no curral e é ferido (*Ilíada* 16. 752-754).

Outros animais servem de termo de comparação, com relevo especial para a serpente a sugerir a aproximação do exército coleante pelos caminhos. Os batalhões dos Árabes invasores que, sob o comando de Tárique, tinham aportado na baía de Carteia, fortificaram o rochedo do Calpe e continuavam a crescer com novos desembarques (p. 85): o exército «semelhante a serpe monstruosa, tinha cingido estreitamente a montanha do Calpe» e «não se passara um único dia em que não se fortalecesse e engordasse».

¹⁸ Cf. *Ilíada* 5. 554-559, 782-783; 7. 256-257; 10. 297-298; 11. 548-557; 12. 298-307; 13. 198-201; 15. 271-277; 17. 61-67, 109-112 e 656-665; 18. 161-163 e 318-323.

As forças dos Árabes que se dirigiam para o Mosteiro da Virgem Dolorosa foram avistadas ao longe e, na distância, assemelhavam-se a serpe monstruosa que descia dos outeiros (p. 132). Ou eram os perseguidores do escasso grupo de salvadores de Hermengarda, comparados a serpe disforme, de momento a momento a ameaçar trazer os fugitivos (p. 207)¹⁹.

Mas este é um motivo a que os Poemas Homéricos não recorrem. Em símile, a serpente aparece apenas no passo da *Ilíada* em que se compara o medo e a retirada de Páris, ao ver Menelau destacar-se das fileiras dos Aqueus, ao homem que depara com uma serpente em desfiladeiro da montanha e retrocede, rápido, com um calafrio nos membros e a palidez nas faces (3. 33-36). Também a *Eneida*, nos casos em que usa a serpente como comparante em símiles (e. g. 2. 380-381 e 471-475), não se baseia no seu rastejar coleante.

Encontramos também símiles tirados das fainas dos campos e de diversas outras tarefas e mesteres. É o caso do símile dado em epígrafe que põe em realce as consequências funestas para os exércitos árabes, advindas do aparecimento do cavaleiro negro, efeitos esses logo complementados por outro que, colhido no acto de lavrar a terra, evidencia os estragos da maça que o cavaleiro desconhecido, com destreza, manobrava com as mãos ambas (p. 105)²⁰.

A morte e a doença, sobretudo o estado febril, são frequentes vezes motivo de comparação nos símiles. Na carta a Teodomiro, Eurico refere ao amigo que a glória é inútil e ininteligível para ele. Desprezado pela mulher que amava, mando e poderio já não têm préstimo. Só o fervor das batalhas lhe trazem ainda algum reconforto (pp. 78-79):

Como o febricitante em dia ardente de estio, que aspira a brisa da tarde, a qual não pode sará-lo, mas que lhe refrigera por momentos o ardor do sangue, assim eu ainda me deixo afagar pela ideia de me atirar ao maior fervor das batalhas pelejadas em nome da pátria.

Mas Herculano recorre ainda aos motivos do cristianismo para criar alguns belos símiles. Nas suas meditações Eurico tem um diálogo íntimo com a consciência que lhe diz ser o seu amor por Hermengarda um crime, já que havia jurado aos pés do bispo Siseberto abandonar o mundo e des-

¹⁹ Para mais pormenores sobre os símiles das pp. 132 e 207, vide infra pp. 926 e 929, respectivamente.

²⁰ Vide infra p. 922.

pir as paixões que este lhe trouxera e que «a luz brilhante de afeições e esperanças.... devia apagar-se então, como a lâmpada do templo ao amanhecer» (p. 53).

Na fuga aos cavaleiros árabes que os perseguem, Eurico e o pequeno grupo que o acompanhara chegam junto do rio Sália. Hermengarda tem medo de passar o tronco que servia de ponte e, antes de tentar a travessia difícil, ajoelha em prece fervorosa (p. 223): nos seus trajos brancos e em completa imobilidade é comparada a «um destes anjos curvados sobre os lódãos de capitel gótico, que, no frontispício de catedral, parecem ser o símbolo da morada das preces»²¹.

No *Eurico o presbítero*, como acontece na *Iliada* — e aliás na *Eneida*²² —, são as cenas de batalha e os passos de maior força dramática e de maior tensão os que aparecem semeados de maior número de símiles. É o que acontece na descrição da batalha do Crísus, no episódio do Mosteiro da Virgem Dolorosa — sobretudo no momento da chegada dos Árabes e na cena do sacrifício voluntário das monjas —, na fuga do grupo de salvadores de Hermengarda à perseguição dos esquadrões de Abdulaziz e nas cenas finais da batalha de Covadonga e da revelação da identidade de Eurico e enlouquecimento de Hermengarda.

Por vezes, em momentos graves ou a precederem acontecimentos que arrastam consigo profundas consequências, surgem sucessões de símiles. Um dos casos mais significativos é o da visão premonitória do domínio da Hispânia pelos Árabes que Eurico descreve numa das suas elegias: dois castelos de nuvens negras e cerradas encontram-se por sobre o estreito, um vindo da África e outro da Espanha; este é vencido por aquele, símbolo da conquista pelos Árabes vindos do Norte de África. A determinada altura, na sua visão, o mar estagna e os ventos param. Essa falta de vida é dada por uma sucessão de símiles (p. 57-58):

O mar cessou de agitar-se e rugir, semelhante ao metal fervente destinado para feitura de estátua colossal que resfriasse de súbito em vasta caldeira. Era horribilíssimo ver convertido em cadáver, de todo imóvel e mudo, o oceano; aquele oceano que há mais de quarenta séculos nem um só dia deixou de revolver-se e bramir em torno dos continentes, como o tigre ao redor da rês que jaz morta.

O sibilar das rajadas também cessou completamente. Parado sobre a face da terra, o ar era semelhante ao lençol do finado a quem recalçaram a

²¹ Vide infra p. 930.

²² Vide Sebastião Tavares de Pinho, *Op. cit.* pp. 499-530.

gleba que o cobre, frio, húmido, pesado, sem ranger, sem movimento, cosido sobre o peito, onde acabou o bater do coração e o arfar compassado dos pulmões.

Depois no céu surge uma ténue vermelhidão no horizonte que aos poucos se espalha pela abóbada (p. 58).

Depois, esse clarão sinistro reverberou na terra: as cimas agudas, dentadas, tortuosas, alvacentas das fragas marinhas tinham-se abatido e livelado, como os cerros informes de neve amontoada, que, derretidos nos primeiros dias de estio, vão, despenhando-se, formar um lago chão e morto na caldeira mais funda de vale fechado.

Os dois bulcões, ao avançarem um para o outro, multiplicam-se, formando novos castelos de nuvens que flutuavam enovelados (pp. 58-59):

E aquelas montanhas vaporosas e negras rasgaram-se de alto a baixo em fendas semelhantes a algares profundos, e os seus fragmentos informes e cambiantes vacilavam trémulos em ascensão diagonal para as alturas do céu.

Por fim, o bulcão vindo do lado de África vence e absorve o que se levantara do lado da Europa, estendendo-se rapidamente para o lado dos campos dos Visigodos — figuração da conquista pelos Árabes vindos do Norte de África (p. 59):

Como duas vagas encontradas, no meio de grande procela, que, tombando uma sobre a outra, se quebram em cachões que espadanam lençóis de espuma para ambos os lados, antes que a menos violenta se incorpore na mais possante, assim aquelas nuvens tenebrosas se despedaçam, derramando-se pela imensidão da abóbada afogueada.

Então pareceu-me ouvir muito ao longe um choro sentido misturado com gritos agudos, como os do que morre violentamente, e um finir de ferro, como o de milhares de espadas, batendo nas cimeiras de milhares de elmos.

Vários símiles em sucessão e por vezes concatenados que chamam a atenção para a gravidade do que se vai seguir e pressagiam o desembarque dos Árabes no Calpe que se verifica logo depois da visão e a conseqüente queda do reino dos Visigodos.

A premonição da visão realiza-se, de facto, na batalha decisiva do Crísus, um evento de trágicas conseqüências que termina com a derrota dos Godos. Na sua descrição, os símiles sucedem-se, alguns de grande

beleza. Formados para a batalha, frente a frente, junto do Crísus, os dois exércitos observam-se (p. 96):

...por algum tempo os dois exércitos conservaram-se em distância um do outro, como dois antigos gladiadores, observando-se mutuamente antes de começarem uma luta que para algum deles tinha de ser, forçosamente, a última.

O silêncio e a expectativa são quebrados pelo grito de Tárique, a dar início ao combate, que soa no centro dos esquadrões do Islame: repetido pelos seus homens, é comparado ao ribombar do trovão que se afasta, cada vez mais enfraquecido (p. 97).

Repetido por milhares de bocas, este grito restrugiu e ecoou, como o estourar de trovoada distante, pelos pendores das serras e murmurou e perdeu-se pelos desfiladeiros e vales

Os dois exércitos avançam. O encontro e o choque de um no outro aparecem comparados à onda encapelada que bate na falésia (p. 98):

Como o estourar do rolo do mar encapelado, tombando de súbito sobre os alcantis de extensas ribas, as lanças cruzadas ferem quase a um tempo nos escudos, nos arneses, nos capacetes.

Ora o mar, quer quando calmo, quer agitado pelos ventos e pelo furacão, é frequente motivo de comparação nos Poemas Homéricos. É o citado símile de Herculano, que compara o encontro dos dois exércitos ao ribombo do mar encapelado na falésia, está muito próximo do da *Ilíada* que compara o grito que soltam os Aqueus, no final da assembleia do canto segundo, ao bramido da onda que, agitada e encapelada pelo Noto, estruge contra a falésia de promontório rochoso (*Ilíada* 2. 394-397). Ou de um outro do canto 17 que compara o barulho do ataque dos Troianos contra os Argivos que defendiam o corpo de Pátroclo ao marulho das ondas (vv. 263-266):

ὡς δ' ὅτ' ἐπὶ προχοῆσι διπετέος ποταμοῖο
βέβρυχεν μέγα κῦμα ποτὶ ῥόον, ἀμφὶ δὲ τ' ἄκραι
ἠιόνες βοόωσιν ἐρευγομένης ἀλός ἔξω,
τόσσηι ἄρα Τρῶες ἰαχῆι ἴσαν.²³

²³ Vv. 263-266:

Tal como na boca de um rio que extravasa devido às chuvas a vasta onda brame contra a corrente, e as falésias costeiras ressoam ao longe com o bater das ondas do mar. Tal era o clamor dos Troianos em marcha.

Mas, enquanto em Herculano se pretende apenas sublinhar o ruído do encontro dos dois exércitos, o símile homérico — cheio de efeitos sonoros e ressonâncias onomatopeicas — transmite também a ideia de refluxo, de oposição da corrente caudalosa do rio, para pôr em realce a resistência dos Aqueus que repelem os inimigos e os impedem de se apoderarem do corpo de Pátroclo²⁴.

A luta encarniçada de Visigodos e Muçulmanos é comparada à do leão e do tigre no circo que, abraçados, se despedaçam, sem que seja possível prever o desfecho da luta, mas com a certeza de que a derrota de um provocará o seu aniquilamento (p. 99)²⁵.

No decorrer do combate, Teodomiro e Juliano encontram-se e as faíscas saídas do choque das suas espadas são comparadas ao ferro em brasa, quando batido (p. 101):

...as espadas, encontrando-se no ar, faiscaram como o ferro abrasado na incude.

A entrada de Eurico, o cavaleiro negro, em combate e as consequências funestas que resultam para os exércitos árabes do seu aparecimento são dadas no belo símile que vem em epígrafe e não é muito diferente do que, na *Ilíada* 13. 137-143, compara Heitor, a entrar nas hostes dos Aqueus, a uma rocha que, arrancada pelo caudal de um rio, rola até que a planície lhe sustém a carreira (ὄδ' ἀσφαλέως θέει ἔμπροσθεν, ἕως ἴκεται / ἰσόπεδον). Os efeitos devastadores causados por Eurico são complementados por estoutro símile, colhido no acto de lavrar a terra, que deixa bem evidentes os estragos da maça que o cavaleiro desconhecido com destreza manobrava a mãos ambas (p. 105):

Como a charrua, tirada com violência em chão batido de planície, deixa após si grossas glebas revolvidas, assim aquela arma irresistível deixava, ao passar, uma larga cauda de cadáveres entretecida de moribundos deba-tendo-se em terra.

Estamos perante símiles que, como acontece a cada passo na *Ilíada* e na *Eneida*, procuram também chamar a atenção para uma figura — neste caso a de Eurico —, para os seus actos, ajudar à sua caracterização, exaltar as suas qualidades.

²⁴ Sobre este símile homérico vide M. W. Edwards, *The Iliad: a commentary*. Vol. V — Books 17-20 (Cambridge, 1991), pp. 88-89.

²⁵ Vide supra, p. 917.

Terminado o primeiro dia de combate, a noite chega com a sorte da batalha incerta. O rei dos Godos e Tárique reúnem os efectivos sobreviventes e têm, durante a noite, a mesma ideia de concentrarem num corpo só as forças que lhes restaram da luta do dia anterior, para atacarem a parte central da hoste inimiga e destruí-la rapidamente, antes que as alas pudessem vir em seu socorro. Essa ideia mútua aparece comparada à trovoada do estio (p. 110):

Semelhante à trovoada do estio, que se amontoa durante a noite em dois polos concentrados e ao alvorecer semeia de coriscos as solidões do céu e povoa de estampidos discordes os ecos da terra, assim cada um dos campos se aglomerava em uma pinha gigante; convertia-se num homem só para em duelo de morte resolver com o seu contendor se os filhos das Espanhas deviam aceitar a lei do Corão ou continuar a abrigar-se à sombra da divina Cruz.

Envolvidos em combate cerrado, os dois exércitos formavam um todo, a ponto de não mais ser possível distinguir um do outro. Os movimentos dessa massa, indistinguível mas flutuante, são comparados a um canalial ou a um tapete de nenúfares (p. 112):

Eram um vulto só, indelineável, monstruoso, imenso, cujo topo ondeava, semelhante ao de canalial movido pelo vento, cujos contornos indecisos se agitavam, torciam, alargavam, diminuíam, oscilavam, como tapete de nenúfares sobre marnel revolto pelo despenhar das torrentes.

Por fim a vitória começa a pender para os Muçulmanos. O grito que anunciava o início dessa vitória, a cedência das forças godas e os efeitos devastadores da acção do cavaleiro negro aparecem-nos sugeridos nesta sucessão de símiles que tomam como comparantes o rochedo que se despenha e o açude que cede à força das águas (p. 114-115):

De repente, um grito agudo partiu do mais espesso revolver do combate ... era o anúncio doloroso de um sucesso tremendo. O cavaleiro negro, que, impellido pela ebriedade do sangue, e semelhante a rochedo que se despenha pelo pendor da montanha, ia derramando a morte através dos esquadrões do Islame, volveu os olhos para o lugar onde soara o bramido retumbante da multidão. Era no centro do exército godo. As tiufadias vergavam em semicírculos para a banda do Crísus, como o açude minado pela torrente, a ponto de desprender-se das margens, oscila e se encurva, bojando sobre a veia inferior das águas. A muralha de ferro que, posta entre o islamismo e a Europa, dizia à religião do profeta de Iátribe «não passarás daqui» vacila, como a quadrela de cidade fortificada batida muitos dias por vaivém de inimigos.

O símile do açude que se rompe pode ser aproximado do passo da *Ilíada* em que os dois Ájax, ao cobrirem a retirada do cadáver de Pátroclo, sustêm o avanço dos Troianos como um dique retém as águas e as obriga a desviar (17. 747-752). Simplesmente diferem os efeitos em que se baseia a comparação. Enquanto, em Herculano, é o romper do dique que serve para ilustrar a cedência das linhas dos Godos, no passo da *Ilíada* é a solidez do açude que se compara à intrépida resistência dos dois heróis.

Paralelismo mais estreito com os Poemas Homéricos oferece-o o símile que compara à saraiva as setas lançadas sobre o cavaleiro negro, Eurico, ao notar a cedência dos Godos e ao ver que eles fugiam, retrocede das fileiras inimigas em que se internara. Na retirada, protege as costas com o escudo (p. 115):

...onde os tiros dos archeiros africanos ciciavam, como a saraiva no Inverno batendo nos troncos despidos do roble.

Na *Ilíada* é a velocidade de Íris, ao descer do Olimpo para transmitir a Poséidon as ordens de Zeus, que aparece comparada ao granizo tocado pelo vento norte (*Ilíada* 15. 170-172):

ὄς δ' ὄτ' ἄν ἐκ νεφέων πτῆται νιφάς ἢ ἐ χάλαζα
 ψυχρὴ ὑπὸ ῥιπῆς αἰθρηγενέος Βορέαιο,
 ὅς κραιπνῶς μεμαυῖα διέπτατο ὠκέα Ἴρις.²⁶

Ou são os guerreiros aqueus, a saírem das naus com os elmos a reluzirem ao sol, que se assemelham aos flocos de neve caindo do céu, batidos pelo vento norte (*Ilíada* 19. 357-359) — uma comparação que realça o número e o movimento. Mas a *Ilíada* contém um outro belo símile, bem elucidativo, que tem a neve por motivo (12. 278-286) — uma das mais belas descrições da natureza da poesia da Antiguidade, segundo Leaf²⁷. Compara o voar das pedras, atiradas pelos Aqueus contra os Troianos e vice-versa, aos flocos de neve que num dia de inverno caem em grande número até cobrirem os cumes elevados dos montes, os promontórios e as planícies.

²⁶ Tradução de M. H. Rocha Pereira, *Hélade* (Coimbra, 1990), p. 30:

*Tal como cai das nuvens a neve ou o granizo
 gelado, ao sopro do Bóreas, filho do Éter,
 assim cortava os ares com ardor Íris veloz.*

²⁷ Apud B. Hainsworth, *The Iliad: a commentary*. Vol. III — Books 9-12 (Cambridge, 1993), p. 347 ad loc.

Ao chegar ao ponto em que a ruptura das linhas godas permitia o engolfar, uns após outros, dos esquadrões muçulmanos, o cavaleiro negro parou e soltou, em grande brado, o nome de Teodomiro (p. 116), um brado a que talvez não seja de todo alheia a recordação do grito de Ares, quando ferido por Diomedes (*Ilíada* 5. 860-863), ou do brado de Aquiles, semelhante ao som da trombeta que anuncia o cerco inimigo a uma cidade e infunde o receio nos sitiados (*Ilíada* 18. 219-221). Vejamos o texto de Herculano:

Esse brado devia chegar longe, reboando como o trovão. Dir-se-ia que o cavaleiro estava habituado à conversação do bramido dos mares revoltos e do rugir das ventanias pelas fragas das serras; porque naquele grito, conjunto inexplicável de cólera e de dor, havia uma semelhança, uma harmonia com o gemido imenso da natureza quando luta consigo mesma no passar da tempestade.

A vitória dos Árabes concretizava-se. O cavaleiro negro, ao dirigir-se para o local onde estivera a cavalaria escolhida de Roderico e onde este jazia morto, passava pelo campo de batalha juncado de cadáveres, enchendo de pavor os inimigos, comparado ao anjo, num símile de nítida influência bíblica (p. 118):

Passando por meio dos esquadrões sarracenos, podia dizer-se que o desconhecido se assemelhava ao anjo do Senhor, quando desce por entre os mundos onde habitam os demónios, solitário e temido no império dos filhos das trevas que o odeiam. A fama das suas façanhas tinha-o cercado duma auréola de terror supersticioso...

No fim da batalha do Crísus, confirmada a derrota, Eurico, rodeado de sarracenos e sem poder escapar por as pontes terem derruído, mergulha no rio sem que pudesse apurar-se a sua sorte; e o capítulo *Dies irae* termina com a referência de que ele (p. 121)

era a última e tenuíssima esperança que bruxuleava nos horizontes do Império Godo: como estrela cadente que se imerge nos mares, aquele esforço brilhante se desvanecera na escuridão que tingia as águas do Crísus!

Um símile que, embora em situação e com intenção diversas, se pode aproximar do da *Ilíada* em que Atena, no início do canto quarto, para fazer com que os Troianos quebrem o pacto, desce rápida do Olimpo, qual um astro brilhante que Zeus envia aos marinheiros ou combatentes (vv. 75-78).

A descrição da batalha do Crísus é sem dúvida a parte do romance mais esmaltada de símiles. Mas outras nos fornecem boa cópia de exem-

plos. Está neste caso o episódio do Mosteiro da Virgem Dolorosa, durante o qual uma série de símiles chama a atenção para a importância e intensidade dramática do momento. Começa pelo que compara aquele local sagrado a um oásis. O Mosteiro transformara-se numa fortaleza: e os seus claustros e corredores, «onde nunca soara o ruído tormentoso da vida», «restrugiam com o bater das armas, com o amontoar das provisões», com o bulício dos que se acolhiam à protecção desse lugar, com a linguagem dos soldados. No meio dessa azáfama e sons discordes (p. 126),

o templo, aonde se acolhera a quietação monástica, era como um oásis frondoso e abrigado pelos seus palmares no meio do deserto que o sopro infernal do simum revolve, fazendo redemoinhar nos ares aquele oceano de areia fervente.

Para esse oásis se dirigia o exército dos Árabes que, avistado ao longe, aparecia ainda apenas como um vulto negro que descia dos outeiros (p. 132):

Esse vulto assemelhava-se a serpe monstruosa que, rolando-se do monte para a planície em colos tortuosos, se lhe reflectissem nas duras conchas os raios solares; porque naquele corpo gigante havia um contínuo e rápido cintilar. Atanagildo percebera o que era, e por isso a tristeza lhe obscurecia a fronte. Como a faísca eléctrica, o terror espalhara-se no mosteiro apenas se dissera que os Árabes se aproximavam.

Chegados os atacantes junto ao portão e estabelecido o contacto com as forças defensoras do Mosteiro, Atanagildo, que as comandava, comunica à abadessa Cremilde que os Árabes pretendem as monjas para servirem nos seus haréns (p. 138):

As palavras de Atanagildo vibraram no coração de Cremilde, como vibra o primeiro dobre pelo finado que ainda jaz em seu leito da derradeira agonia na alma do bom filho, que reza, chorando, ajoelhado ao pé dele.

A situação sombria desanuviava-se, no entanto, na mente da abadessa, como, por vezes, as nuvens de tempestade são afastadas pelos ventos que de novo trazem o azul sereno do céu. Para salvar as monjas de caírem nas mãos dos Árabes, Cremilde tivera a ideia de um martírio colectivo voluntário. Essa ideia deu-lhe uma certa paz e contentamento (p. 140):

E, de feito, o seu olhar e gesto eram de uma inspirada: mas nesse olhar e gesto havia o que quer que era de severa aspereza misturado com alegria suave, como em céu que varre o noroeste as nuvens tenebrosas remendam o azul puríssimo do firmamento, donde, por entre elas, jorram torrentes de luz.

Neste símile há certo paralelismo com o que compara o pó levantado pelos guerreiros em marcha ao nevoeiro espesso que o vento de súbito espalha (*Ilíada* 3. 10-13); ou com o do canto quinto que relaciona a firmeza dos Dánaos em combate com as nuvens que, em dia calmo, permanecem suspensas no cimo dos montes, enquanto não surge o sopro do Bóreas e de outros ventos (*Ilíada* 5. 522-527). Deve sobretudo ser aproximado do que compara o alívio sentido pelos Aqueus, há longo tempo em situação difícil, — alívio motivado pela entrada de Pátroclo no combate e o conseqüente afastamento dos Troianos, graças à sua acção — ao desaparecimento das nuvens do céu e ao descobrir subsequente da sucessão de montes, promontórios e vales, no momento em que o sol brilha de novo (*Ilíada* 16. 297-301).

Depois das negociações com os Árabes e aceites por Atanagildo, a pedido da abadessa Cremilde, as condições dos atacantes, os refugiados do Mosteiro da Virgem Dolorosa — grande número de crianças, de velhos e de mulheres — saem em chusma do portal do mosteiro e, a salvo, atravessam pelo meio das duas fileiras de soldados e guerreiros árabes, «como torrente comprimida» (p. 141). Transposta também a porta do mosteiro por Atanagildo e seus homens, os Árabes entraram de supetão (p. 142):

Como o tufão rugindo se abisma nas galerias tortuosas de mina extensa, assim os Godos renegados e os muçulmanos, que os seguem de perto, se precipitam dentro do mosteiro.

No episódio do Mosteiro da Virgem Dolorosa, outro passo de grande tensão emotiva é o momento em que os Árabes irrompem na cripta, onde Cremilde executa o voluntário martírio colectivo das monjas. Hermengarda quer partilhá-lo, mas o bucelário, a quem fora confiado o transporte da donzela para Covadonga, tenta a todo o custo demovê-la do intento. Com os braços estendidos através da balaustrada, pede à jovem que se salve (p. 146):

...agita-o uma convulsão horrível de pavor, que lhe embarga na garganta os sons articulados e só lhe consente murmurar um ruído confuso, semelhante ao respiro ansioso de agonizante.

Ao declínio da luz no pôr do Sol vai Herculano buscar este belo símile que expressa com perfeição o esmorecer do canto das monjas do Mosteiro da Virgem Dolorosa. Sempre que uma delas se aproximava de

Cremilde para o martírio, as restantes entoavam um hino que aos poucos se ia diluindo (p. 147).

Como lá no horizonte o Sol trémulo e sereno se reclinava ao fim da tarde no seio tenebroso dos mares, assim o canto melancólico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no ciclo de orações submissas.

Herculano recorre a cada passo aos ventos nos seus símiles, quer quando suave e benéfico (caso do noroeste), quer como elemento violento e devastador. Por exemplo, o nordeste, que tudo cresta, aparece como termo de comparação de um dos símiles desta série que pretende sugerir a emoção do momento e os efeitos provocados pelo punhal de Cremilde no peito e no rosto de Hermentruda (p. 148):

Bem como o aspecto do formoso arcanjo de luz no dia em que, rebelde, a espada de fogo lhe estampou na fronte a condenação eterna, o seio e o rosto da monja, suavemente pálidos, estão sulcados por betas escuras, que serpeiam por aquele gesto como as víboras estiradas ao sol sobre um busto grego tombado entre ruínas de antigo templo pagão. É que, semelhantes ao nordeste frio e agudo, que, passando pela bonina viçosa, lhe desbarata os encantos, os fios do punhal de Cremilde correram por lá violentos e rápidos, e num momento aniquilaram a formosura da virgem.

A impressionante cavalgada no encalço do pequeno grupo de Godos libertadores de Hermengarda é um dos passos empolgantes do *Eurico o presbítero*, e nele os símiles não faltam. Depois de retirar Hermengarda do acampamento de Abdulaziz e de a entregar aos companheiros para a porem a salvo, Eurico espera os perseguidores. O primeiro guerreiro a descer o outeiro é atingido pela sua maça, que gira sibilando no ar, e cai «para o lado morto, como se o fulminara o raio» (p. 202). Mas os exércitos árabes, acompanhados pelo próprio Abdulaziz ferido, haviam iniciado a perseguição aos ousados Godos (pp. 200-201):

Mas lá, na vanguarda, para o lado das atalaias do norte, donde se descortinavam os topos recortados das montanhas sobre o chão claro do céu, como fileiras de gigantes petrificados durante uma dança de embriaguez, tão fantásticos eram os seus contornos, ouvia-se o ruído alto e indistinto do cruzar de muitas vozes, do tropear de muitos cavalos; viam-se lampear as armas nos visos dos dois últimos outeiros que por aquela parte rodeavam o campo, e agitarem-se ondas de vultos humanos e sumirem-se, onda após onda, como se os devorasse voragem aberta de súbito debaixo de seus pés: eram os cavaleiros que transpunham a eminência.

Eurico, depois de sustar por algum tempo os perseguidores até que os companheiros se afastassem com Hermengarda, dada a afluência cada vez maior dos Árabes, põe-se em fuga e a senda estreita, que se abria entre o mato, começou a desaparecer-lhe debaixo dos pés do cavalo (p. 204):

À vista, assemelhava-se a um rolo de fita, estendido e retesado por momentos, que, solto, busca, volvendo-se de novo, a sua curvatura anterior. A rapidez da corrida era quem o podia salvar.

Os poucos companheiros de Eurico, contra os conselhos dele, atacam os numerosos esquadrões árabes que os perseguem (p. 206).

Semelhante à segure, entrando no âmago do carvalho, sob os golpes do robusto lenhador, aquele punhado de homens, a cuja frente se achava Sanción, penetrou no maciço da cavalaria árabe.

Eis um símile próximo do do canto terceiro da *Ilíada* em que Páris compara o coração inflexível de Heitor, quando o censura, ao machado que, nas mãos do carpinteiro, entra na madeira a afeiçoar a quilha do navio (vv. 60-63).

Apesar do seu ânimo e denodo, por fim, ao escasso grupo dos salvadores de Hermengarda não restou outra alternativa senão a fuga. Correm à desfilada, perseguidos pelos esquadrões árabes que, guiados pelo barulho dos cavalos, seguem os Godos de perto, penetrando na selva (p. 207).

...assemelhavam-se a uma serpe disforme, que se desenrolava, coleando e estirando-se por entre o arvoredo, e que de momento a momento ameaçava tragar os fugitivos.

Outra vez a imagem da serpe que já encontrámos em outro símile para sugerir o alongar do exército árabe que se aproxima do Mosteiro da Virgem Dolorosa (supra, pp. 918 e 926).

Os perseguidos largam rédeas aos cavalos e esporeiam-nos sem cessar. É que têm a vingança no encalço (p. 210):

...aquele turbilhão enovelado que rola após eles, negro, rápido, tortuoso, composto de centenares de vultos, cujos olhos afoqueados reluzem nas trevas, cujos dentes alvejam como os do javali irritado, assemelha-se-lhes a uma legião de demónios, e a um rir infernal o tinir das espadas, o resfolegar dos cavalos, e o murmurar dos cavaleiros, que parecem entoarem-lhes já o hino da morte.

Na fuga aos cavaleiros árabes que os perseguem, Eurico e o pequeno grupo que o acompanhara chegam junto do Sália. Faz-se a descrição do rio, quando se precipita, de inverno, nas margens alcantiladas (p. 216):

...o Sália precipitava-se como uma besta-fera raivosa e, impaciente na sua soberba, arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carregava as terras e rebramía com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo o não comprimia e o deixava espriaiar-se pelos paus e juncais, correndo ao mar, onde, enfim, repousava, como um homem completamente ébrio que adormece, depois do bracejar e lidar da embriaguez.

Hermengarda tem medo de passar o tronco que servia de ponte ao rio e, antes de tentar a travessia difícil, ajoelha em prece fervorosa (p. 223):

Com os seus trajos brancos e em completa imobilidade, dir-se-ia que era um destes anjos curvados sobre os lódãos de capitel gótico, que, no frontispício de catedral, parecem ser o símbolo da morada das preces, se os primeiros raios do Sol, cujo orbe mal despontava de trás das colinas, não revelassem nela a vida, cintilando-lhe nos cabelos dourados e no véu de duas lágrimas que lhe ofuscava os olhos e começava a deslizar-se-lhe em dois fios brilhantes ao longo das faces, onde o rubor da febre rompia por entre a palidez, como as papoulas rompem no meio da seara madura.

Depois de alguns instantes, alevantou-se de novo e encaminhou-se para o roble, cujo topo monstruoso se assemelhava à cabeça calva de um gigante que, inteiriçado, fincasse os pés na outra riba.

A intensidade e o choque dos sentimentos são sublinhados por esta série de três símiles em sucessão.

Os episódios finais da batalha de Covadonga e da revelação da identidade do cavaleiro negro a Hermengarda têm importantes consequências: num a vitória permitirá iniciar a libertação da Espanha; o outro conduzirá à morte de Eurico e ao enlouquecimento da jovem. A narração aparece, a cada passo, sublinhada e embelezada por símiles.

O sangue derramado na batalha de Covadonga, que vai proporcionar o subseqüente ressurgimento triunfante da Cruz e do nome dos Godos, é comparado ao raiar da aurora que tinge o céu de vermelhidão, mas faz surgir depois «o Sol envolto no seu fulgor glorioso». Os esculcas, enviados por Pelágio para espiar o caminho dos Árabes, regressam com a informação de que os exércitos de Abdulaziz haviam dado com o caminho para Covadonga e não tardariam a aparecer. Pelágio dirige-se então

aos seus homens pra lhes dizer que o dia não tardará em surgir com o rubor da aurora (p. 242):

Essa vermelhidão tingirá em breve o céu, como o sangue há-de hoje tingir a terra; mas confio em Deus que também como após ela há-de surgir o Sol envolto no seu fulgor glorioso, assim a Cruz e o nome dos Godos se levantarão triunfantes, após o sangue vertido por esses dois objectos santos e queridos, que nos têm alimentado a energia da alma no meio dos trabalhos e perigos.

Momentos depois, enquanto os outros combatiam na defesa do seu refúgio, Eurico, a pedido de Pelágio, ficara na gruta a proteger Hermengarda. A noite serena, semeada de estrelas e iluminada pela lua que desaparecia, motiva outro belo símile (p. 250). As recordações do dia anterior acorriam-lhe desencontradas. Encostou-se à boca da gruta a olhar a noite calma e o céu semeado de estrelas que se desbotava a ocidente pela última claridade da lua minguante quase a desaparecer: era essa afinal a imagem da sua vida.

Serena e esperançosa, como o crepúsculo do luar fugitivo, lhe fora a juventude.

A desfiar as recordações do dia anterior, em que salvara Hermengarda e a carregara nos braços, Eurico encostou-se à boca da gruta (p. 250). A brisa fria da madrugada consolava-o, «como ao febricitante a aragem de um sol-posto de Outono». Vê-se com um futuro sem saída. Engolfado nas suas cogitações, chora e, insensivelmente, ajoelha e ergue as mãos para os céus em oração (p. 252):

A morte, essa ideia, tremenda, indiferente ou formosa, segundo a vida é risonha, pálida ou negra, veio suavizar o martírio daquela alma atribulada, como em estio ardente as grossas águas da trovoada refrigeram a terra, que estua sob os raios aprumados do Sol.

Tem Hermengarda perto de si e poucas horas antes apertara-a contra o peito. Mas quando se lembra que o sacerdócio lhe impede toda essa felicidade (p. 253),

...o desgraçado sentia estalarem-lhe uma a uma todas as fibras do coração, e fugir-lhe do seio um grito semelhante ao que rebenta dos lábios do condenado ao suplício do potro, no primeiro movimento da mão pesada do algóz.

Outro suplício é o acúleo do ciúme, e a queda da árvore atingida pelo tufão serve para sugerir os efeitos provocados em Eurico, quando,

sozinho na gruta com Hermengarda, o assaltou a ideia de que ela poderia amar outro e lhe pareceu retinta em sangue a tocha que mal alumiaava a irmã de Pelágio (p. 254):

...como o cedro arrancado por tufão repentino, foi encostar-se à rocha lateral, cuja superfície irregular lhe escondia Hermengarda.

Na cena final em que se lhe dá a conhecer, Eurico pegara na mão de Hermengarda e dirigira-lhe palavras ardentes (p. 259). Ela sentia que um coração vivo e sangrante batia nessa mão trémula e fria, «no acento dessas frases, tempestuosas como o oceano, tristes como céu proceloso».

Depois de o cavaleiro negro revelar a sua identidade, ao ouvir de Hermengarda a confissão de que o ama e aceita casar com ele, o guerreiro sente-se arrebatado de felicidade, fala em filhos, vida feliz, casamento aos pés do sacerdote (p. 262):

A esta palavra fatal, um grito semelhante ao de homem ferido de morte rompeu agudo e rápido do seio do cavaleiro.

Ao saber que Eurico é o sacerdote de Carteia, autor dos belos hinos cantados nas catedrais das Espanhas, a infeliz enlouquece. E ao antigo gardingo impõe-se a ideia da morte que pouco antes já lhe havia sorrido. E engolfa-se nos combates, no mais encarnizado deles. A queda da árvore, arrancada pelo tufão, serve para expressar o desamparo com que tomba o guerreiro ferido de morte, neste belo símile de frequente ocorrência em Homero. Eurico, após a derrota dos Árabes, retira o bispo Opas, o conde Juliano e Mugeiz do combate e condu-los por um carreiro. Era sua intenção castigar os renegados — o bispo de Híspalis e o conde de Septum — e deixar escapar o muçulmano. Depois de Opas e Juliano caírem mortos, Eurico tira o elmo e entrega-se à fúria de Mugeiz que, cego de cólera, o degola (p. 275):

Como tomba o abeto solitário da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro misterioso do Crísus caía para não mais se erguer.

Este modo de exprimir a queda do corpo de Eurico não deixa de trazer à lembrança a descrição da morte de Simósios que, atingido por Ájax, cai como o choupo arrancado por violenta tempestade (*Iliada* 4. 483-488); da de Ímbrios (*Il.* 13. 178-181), Ásios (*Il.* 13. 389-392) ou Sarpédon (*Il.* 16. 482-485) que tombam como o freixo, o choupo, o carvalho, o álamo ou o pinheiro, quando cortados pelo machado dos lenhadores na monta-

nha; ou de recordar a queda de Euforbo comparada à de uma oliveira viçosa que o tufão arranca da terra e estende no solo (*Il.* 17. 53-59)²⁸.

Os numerosos símiles que embelezam o *Eurico o presbítero* muito contribuem para o tom épico que a obra apresenta. Para não alongar este trabalho quase me limitei a fazer uma enumeração dos muitos exemplos que o romance oferece. Reconheço, no entanto, que o processo estilístico merece uma análise mais pormenorizada. Sublinho apenas que, como nos poemas épicos da antiguidade clássica, Herculano recorre aos elementos da natureza, a cenas agrícolas, da vida diária, aos animais. Além destes, têm ainda algum relevo elementos relacionados com o cristianismo e com a Bíblia.

Os símiles aparecem sobretudo nos momentos de maior acção, nas cenas de combate, em ocasiões de forte tensão dramática, como meio de caracterização de personagens, em especial Eurico. Se é o símile um estilema com variadas funções, no romance prevalece nitidamente o efeito épico que confere grandiosidade à narrativa. Daí que a descrição da batalha do Crísus e a fuga do pequeno grupo que salvou Hermengarda à perseguição dos Árabes sejam as partes com maior percentagem desse recurso estilístico.

Procurei sobretudo fazer um confronto com a *Ilíada* e com a *Eneida*, porque Herculano — que não apreciava grandemente a *Odisseia*²⁹ — as incluía entre os cinco mais belos e mais célebres poemas da Europa, assim enumerados: *Ilíada*, *Eneida*, *Orlando Furioso*, *Lusíadas* e *Jerusalém Libertada*³⁰. A sua predilecção ia, no entanto, para o poema homérico, cuja unidade ele analisa no estudo acabado de referir (pp. 39-40). Eis como diferenciava os heróis das duas obras: os da *Ilíada* «são rudes mas sublimes, os da *Eneida* são macios e cuidados, mas geralmente mesquinhos» (p. 41). Por outro lado, na opinião de Herculano, o período visigótico na Península Ibérica era análogo aos tempos heróicos da Grécia: «deve ser para nós como os tempos homéricos da Península»³¹. Não é de estranhar, portanto, o relevo que no *Eurico* é dado aos símiles, um processo literário que constitui um dos motivos de glória da *Ilíada*.

²⁸ Cf. ainda *Ilíada* 14. 414-418, onde a queda momentânea de Heitor, atingido por uma pedra, se compara à de um carvalho atingido pelo raio.

²⁹ «Homero», *Opúsculos* V. Organização, introdução e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia (Lisboa, 1986), p. 162.

³⁰ In «Poesia. Imitação», Belo, Unidade», *Opúsculos* V. Organização, introdução e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia (Lisboa, 1986), p. 38.

³¹ Vitorino Nemésio, «Introdução — *Eurico*, história de um livro», in Alexandre Herculano, *Eurico o presbítero* (Lisboa, 1972), p. XXXIII.